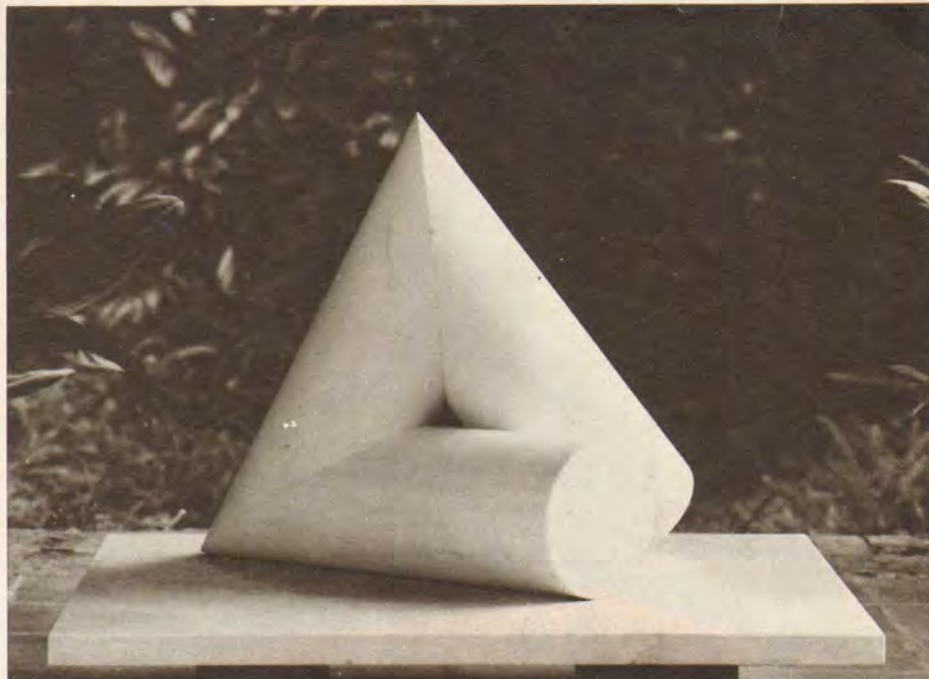


Geometria no mármore

Ao primeiro olhar a obra do escultor carioca Sérgio Camargo, 57 anos, descortina um mundo em preto e branco. São formas geometricamente plantadas, precisas e aparentemente repetitivas, como se o artista tivesse se inspirado numa vida sólida e objetiva. "A impressão é falsa", define o crítico Reynaldo Roels. "Não é uma arte preconcebida, não são objetos que possam ser derivados de alguma lógica." Para ele é preciso que o observador tenha pistas para tirar suas conclusões.

Na exposição que inaugura terça-feira, 10, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, e quinta-feira, 12, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, em São Paulo, Sérgio Camargo mostra peças esculpidas em mármore de Carrara e carvão belga, que assumem formas geométricas à semelhança de cilindros, pirâmides e cubos cuidadosamente recortados e reorganizados numa nova unidade.

A cor preta só apareceu na obra do artista em 1974, quando um amigo encomendou um jogo de xadrez. Ele procurou um material absolutamente negro, exatamente ao contrário do mármore. "Encontrei-o no carvão da Bélgica", diz, satisfeito com o achado. Para o mundo artístico, nesse momento o escultor Sérgio Camargo recriava formas clássicas da pintura renascentista, como confirma o amigo e também escultor Amílcar de Castro. "Ele é um clássico na sua captação do



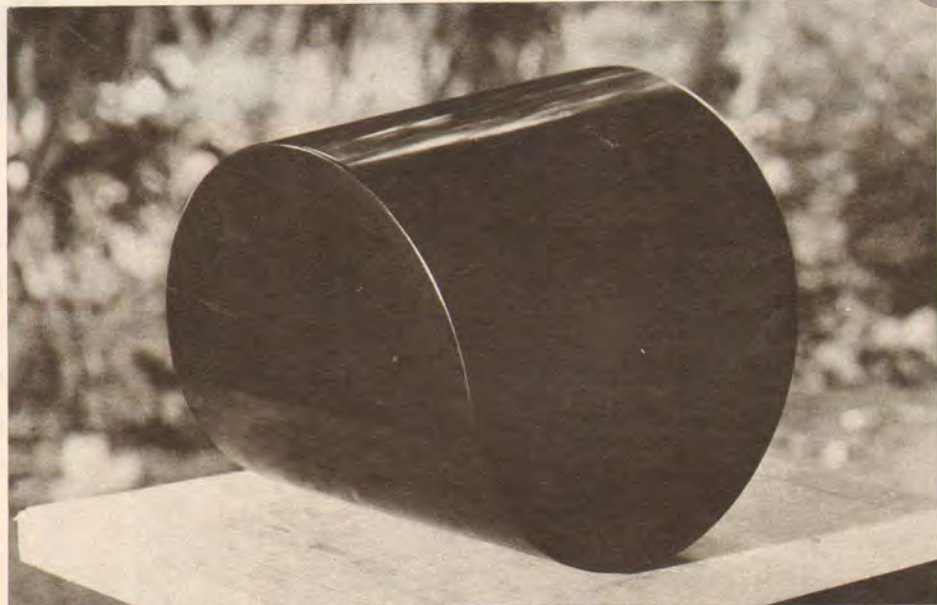
Formas que lembram cilindros e pirâmides brotam da pedra bruta

claro e do escuro. Mas é moderníssimo na sua criação", enfatiza.

A forma revolucionária de trabalho à qual se refere Amílcar de Castro é a confecção prévia em pequenos módulos de madeira, em que o artista experimenta jogos e combinações. "Quando encho uma mala, vou para Carrara", admite Sérgio Camargo. Lá, dois auxiliares reproduzem no mármore, que é cortado com máquinas especiais.

Considerado por críticos e amigos um dos escultores mais brilhantes do país, Sérgio Camargo evita falar sobre sua vida pessoal. Apenas exhibe, com orgulho, os trabalhos que produziu nos últimos 37 anos de arte e lhe conferiram

prêmios na Bienal de Paris, em 1963, e na de São Paulo, dois anos depois. Carioca tradicional, mora hoje na mesma casa onde nasceu na rua Barão de Ipanema, no bairro de Copacabana. Nunca cursou nenhuma escola de arte, nem teve outra profissão, embora admita ter feito biscates em paisagismo para reviver. Hoje, famoso, sua arte pode ser admirada em locais públicos de grandes cidades brasileiras, como um mural gigantesco no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, e um monumento no parque da Catacumba, no Rio. A partir dessa semana, cariocas e paulistas têm nova oportunidade para desvendar a arte clássica de Sérgio Camargo. ▲



Escultura em carvão da Bélgica: enfoque alternativo.



Camargo: clássico moderno

AMÉRICO VERMELHO